

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.400

Domingo, 17 de Junho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaya, 114 e 115

Os inquilinos e hóspedes devem comparecer no comício contra os senhores que hoje a U. S. O. de Lisboa, realiza no Eden Teatro pelas 15 horas.

CONTRA OS SENHORIOS! CONTRA OS LADRÕES!

E' hoje, pelas 15 horas, que no Eden Teatro, se realiza o comício público promovido pela União dos Sindicatos Operários, para apreciar a momentosa questão do inquilinato!

Lembrem-se os inquilinos de que os senhores trabalham na sombra, jesuiticamente, para obterem do parlamento uma lei que lhes permita praticar infâmias, injustiças, crimes maiores do que aqueles que já tem praticado!

E perante a ameaça dos senhores nenhum inquilino deve hesitar ou intimidar-se!

O momento é de acção! Quem cala consente e os inquilinos não podem consentir que os senhores continuem a explorá-los!

Os governos ainda não prestaram a menor atenção ao sofrimento de milhares e milhares de vítimas que são todos os que vivem em quartos e partes de casa. E' preciso que

todos os moradores de quartos e partes de casa compareçam no comício de hoje, porque os seus interesses reclamam a sua presença!

Ao comício do Eden Teatro devem ir todos os que não quiserem continuar a ser vítimas dos proprietários e de muitos sublocatários mais ferozes do que os próprios senhores!

AO COMICIO!

AO COMICIO!

O DIREITO SOCIAL E O DIREITO PROPRIETARIO

Um dos grandes princípios defendidos no século XVIII e durante a Revolução Francesa foi aquele que nos prescrevia que o direito social derivava do direito social e podia por ele ser modificado. Essa modificação, defendida por Locke, Montesquieu, Mirabeau, etc., tinha de ser feita num sentido de maior equidade e de maior racionalidade, conforme as necessidades das populações em geral.

Aquele direito social, já um pouco proclamado no agir publico pelos protestos de Cassio, de Dentato, Apuliano e Gracchos, dominados pelas brutalidades da tirania romana, referia-se, é certo, mais propriamente ao direito proprietário dos campos, que urgia ser alterado para uma fórmula mais justa. Contudo, não será erro afirmar que o direito proprietário dos campos não exclua o direito proprietário das casas, e, portanto, para este direito era exigida também a aplicação do direito social referido. Intuitivamente assim o entendiam as fraternidades ou fogos francos, essas associações de 30 ou 40 famílias que viviam, comiam juntas do mesmo naco, do mesmo pão, usavam parcalhos, campainhas, companheiro, companheira, eram irmãos no espírito, no sal, na morada e dispensa comuns. Cada qual trazia o que tinha para o fundo comum da casa — como no latão Bonamercê na sua História dos Aídes.

Com o advento ao poder burguês dos novos *boni possidentes*, os estúpidos princípios de Guizot e de Dupin, *enriquecer-se, cada um por si*, puderam de parte aquele direito social que devia regular o direito da propriedade. Os bandos negros do capitalismo ascendente, as companhias de especuladores que se aproveitavam de todos os pretextos e calamidades para infelicitarem ainda mais a Humanidade produtora, preferiram adoptar o banditismo dos *illustres salteadores de estrada* antigos, como chamava Voltaire aos romanos, e compilaram o Código Civil para que o direito de propriedade não fosse inspirado no direito social, mas sim fundamentado no arbitrário, no violento direito romano do uso e abuso...

Assim como as hostes romanas, com as suas crueldades de pilhagem, substituíram as antigas propriedades comunais pela propriedade quiritária entre os osídios e os ródios, entre os chineses e os germanos, entre a Ibéria e a própria Itália, estabelecendo com os *desertos* a paz — Tácito teve razão — assim também as castas burguesas triunfantes, com as suas rapinas sistematizadas, destruíram a *Declaração dos direitos do homem* e, portanto, o direito social, proclamando a propriedade privada, que outra coisa não é senão o direito quiritário que despoja a propriedade comunal do espírito de solidariedade, do carácter social que noutros tempos, embora incompletamente ainda tinha.

O Estado romano exigia tudo do cidadão, nada lhe concedendo, logo que ele não fosse *pater-familias*, o senhor da família, que tinha o direito de despojar os seus, que tinha sobre toda a gente (mulheres, filhos, escravos) o direito de vida e de morte... O Estado capitalista contemporâneo exige do cidadão, sem nada lhe dar em troca, tudo quanto precisa para seu desbarato, desde que o cidadão não seja um luminar da política, um privilegiado da finança, um *Cresus* da bancocracia, um barão do comércio e da indústria, um *lúbrico* do burocratismo e um menino bonito da militaridade profissional — todos empavezados nas grandezas das suas riquezas proprietárias, extorquidas pelo dolo vergonhoso das suas piratarías contrárias ao direito social. Esse bando negro que assaltou a Humanidade tem o direito de despojar toda a gente, tendo sobre ela o direito de vida ou de morte...

Ora, presentemente, visto que o direito social ainda não está reconhecido

em toda a sua justiça, os protestos das camadas proletárias, dos nossos escravos levantam-se em todo o país, num clamor unânime, contra o direito exclusivo da propriedade privada. Porque toda essa acção que se está a desenvolver contra os proprietários das casas, é a imposição justa e natural, do direito social que garante uma maior soma de felicidade a todo o ser humano.

O direito social, racional e devidamente interpretado, diz-nos que os campos, que a terra, sendo dados pela Natureza para que o Homem os cultive e neles procure o seu alimento, eles devem pertencer aos povos em geral e estar aos cuidados carinhosos dos camponeses em acordo com os trabalhadores das cidades.

O direito social, justo e logicamente observado, diz-nos que as fábricas, as oficinas, os *ateliês* e as minas, sendo destinadas pelo progresso, pela Civilização, a fabricar as ferramentas para o campo, os materiais para a locomoção e construções várias, a tecer as fazendas para nos vestirmos e a extrair o minério indispensável à produção e à força motriz — eles devem estar da posse dos que trabalham neles, tendo-se em atenção a solidariedade de todos os produtores. E o que sucede com as fábricas, oficinas, etc., acontece com os serviços de comunicação e transportes, e, portanto, com aqueles que lidam com eles.

O direito social, porém, quer dizer direito à vida. Sendo assim, o direito social exige que a produção seja colocada ao dispor de toda a população laboriosa, para consumir consoante as suas necessidades, sem se olvidar que

uma afirmação colectiva da sua vontade. Não o esqueçam os inquilinos: os senhores não desarmam-se os inquilinos não tomarem a iniciativa de romperem energicamente as suas teóricas e maquiavélicas combinações.

Realiza-se hoje o grande comício de protesto promovido pela U. S. O.

Hoje, às 15 horas, todos os inquilinos tem o dever de comparecer no grande comício público de protesto contra os senhores, na ampla sala do Eden-Teatro, promovido pela U. S. O. de Lisboa.

A questão do inquilinato — não é de mais repeti-lo — entrou numa fase perigosa e aguda. Os senhores estão fazendo tentativas desesperadas para conseguir a votação no parlamento dum projecto de lei que lhes assegure o direito absoluto de aumentar as rendas e a despedir sempre que lhe aprouver os inquilinos. Se esta dupla monstruosidade de for levada a efeito nenhum inquilino poderá ter o direito de habitar uma casa, nem de pagar por ela uma determinada renda fixa. O senhorio passará a ser o árbitro único do seu destino. A renda será aumentada até onde a sua ambição e a sua fantasia lho aconselhar. O despedimento efectuar-se-á ao sabor do seu capricho. O inquilino passará a ser por senhorio um despota e um explorador. O despota que saberá aproveitar-se com diabólica habilidade da falta de habitação para perseguir aciosamente os inquilinos, vexando-os com imposições inaceitáveis e irritando-os, negando-lhe aciosamente, os direitos que lhe assiste. O explorador, obrigado pela lei, querera parasitar regaladamente à custa do inquilino, aumentando as rendas a ponto de tornar a sua situação insustentável.

E os inquilinos estarão dispostos a consentir que o senhorio se arvora num explorador e num despota? Certamente que não. Mas, dizer que os senhores exploram, que os senhores tiranizam, nada resolve. São necessários factos. E' indispensável uma grande pressão.

A U. S. O., reconhecendo essa grande verdade, sabedora que a ofensiva dos senhores só pode ser aniquilada por um forte movimento colectivo de protesto resolveu agir nesse sentido. O grande comício público de protesto que hoje se efectua deve ser concorrido por inquilinos, deve transformar-se

numa afirmação colectiva da sua vontade. Não o esqueçam os inquilinos: os senhores não desarmam-se os inquilinos não tomarem a iniciativa de romperem energicamente as suas teóricas e maquiavélicas combinações.

uma afirmação colectiva da sua vontade. Não o esqueçam os inquilinos: os senhores não desarmam-se os inquilinos não tomarem a iniciativa de romperem energicamente as suas teóricas e maquiavélicas combinações.

uma afirmação colectiva da sua vontade. Não o esqueçam os inquilinos: os senhores não desarmam-se os inquilinos não tomarem a iniciativa de romperem energicamente as suas teóricas e maquiavélicas combinações.

uma afirmação colectiva da sua vontade. Não o esqueçam os inquilinos: os senhores não desarmam-se os inquilinos não tomarem a iniciativa de romperem energicamente as suas teóricas e maquiavélicas combinações.

NOTAS & COMENTARIOS

O progresso e os leões

De Bruxelas seguiram para Paris, em aeroplano, três leões. O progresso atingiu uma tal evolução, que dele não só participam os homens mas também as feras. Referimo-nos evidentemente, ao progresso material.

Quanto ao progresso moral os homens ainda não atingiram a altura a que em certos actos as feras se encontram.

No que diz respeito ao progresso material ganham os homens às feras. Mas, em progresso moral, por muito extraordinário que pareça e muito doloroso que seja, as feras ainda marcham à frente dos homens. Por muito tempo?

A's escuras

A cidade, regressou da escuridão dignamente copiada da idade média a uma claridade tenue — tão tenue que por vezes entre ela e a treva, não se pode estabelecer, sem receio de erro, rigorosa distinção. E por aqui se fica. A verdade ainda não curou do assunto de maneira a projectar luz sobre ele que venha a reflectir-se na iluminação das ruas. Por enquanto, ainda continua a escuridão e o motivo porque a cidade não deixa de ser de noite um enigma que só o tacto do lisboeta inveterado consegue decifrar.

Sorriso e ódio

Bernardino Machado tem sido em Portugal o político que melhor tem sabido mascarar o ódio com um sorriso. E se pensarmos que ele, em toda a parte, surge cor-deal e sorridente não deixamos de considerar com admirativo espanto como consegue ele arrastar toda a vida a odiar sob a máscara convencional do seu eterno sorriso. Apesar da sua idade que quasi o coloca na decrepitude, ainda se não cansou de odiar e de sorrir. Uma das suas últimas manifestações de sorriso e ódio é a sua candidatura à presidência da república. Ela é apresentada como uma *révanche* ao despedimento sofrido no sidonismo e concomitante exílio. Se ele se tornar em chefe de Estado é ainda o ódio que o eleva. Mas, ao aparecer em público o presidente eleito pelo ódio, trará, pela certa, nos lábios o seu enganador sorriso cor-deal.

Bem préa frei Tomás

Aparecem pelos jornais uma teoria que se está longe de ser nova não deixa de ser curiosa. Essa teoria é anti-individualista. Segundo ela, colocar o indivíduo acima do Estado é uma doutrina perigosa. Colocar o Estado acima do indivíduo eis no que consiste a virtude. Para esclarecimento dessa teoria diremos que ela é pregada por criaturas que nunca descuraram os seus interesses e que acima de todas as tormentas, se mantêm na integridade. E como eles recelam que o seu exemplo proliferar possa pôr em perigo a resignação que não tem, mas de que necessitam para viver.

Imprensa

«Os Fantoches»

Recebemos o n.º 24 deste panfleto de Rocha Martins, cujo sumário é o seguinte:

«A Morte do autor da Bacalhosa», «O Atlas do Vigário», «Carta para o senhor conselheiro Bernardino», «O Salustianismo», «De baixo para cima ou de pernas para o ar?».

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

Cruz Vermelha Portuguesa

Na última reunião da Comissão Central, efectuada em 12 do corrente, foi definitivamente deliberado alugar os edifícios e anexos que a mesma instituição possui na rua Duarte Galvão, n.º 54, e onde tem mantido uma Casa de Saúde.

O EMPRÉSTIMO

“O país está a saque!”

O Estado está pagando do seu bolso a propaganda da sua ruína

Uma obra de mentira se, está fazendo criminosamente, alguns jornais que pretendem iludir a opinião pública de modo a convencê-la que o empréstimo é uma operação magnífica de resultados benéficos e imediatos. Pretende-se convencer o público que o empréstimo vem trazer ao país inmensos benefícios. A palavra «empréstimo» adicionam-se-lhe outras destinadas a torná-la agradável e simpática. O empréstimo é a prosperidade, a fortuna, a tranquilidade. Por meio dele, o país esmorecido e martirizado entrará numa vida esplêndida coroada pela abundância e pela ventura. Quem assim fala, pensa de maneira oposta.

Não temos a candura de supormos que a defesa e o elogio do empréstimo seja sincera. Estamos muito longe de acreditar que se é a seguir que se deve atribuir tam absurdo optimismo, que é a estupidez o motivo que os leva a não ver o perigo. Não. Eles os propagandistas do empréstimo não são, nem cegos nem estúpidos. São apenas mercenários que escrevem adjectivos favoráveis ao empréstimo na medida exacta porque lhes pagam.

Um indivíduo, ou um Estado quando recorrem a um empréstimo, indicam primeiro do que tudo que se encontram mais circunstâncias financeiras. E, se os seus recursos lhe faltam e tem de recorrer ao crédito essa medida representa sempre um encargo desastroso. E' claro que um Estado ou um indivíduo quando recorrem a um empréstimo, tem sempre em conta as facilidades de crédito que disfrutam ou o descrédito com que se debatem.

Se esse indivíduo ou esse Estado, ao recorrerem a um empréstimo dispozem dum certo crédito e para isso será necessário que eles ofereçam sólidas garantias ou que o seu deastre financeiro seja apenas transitório, as condições impostas não, serão muito duras, nem muito ruínas. Mas se está em descrédito o empréstimo, se o realismo, será inevitavelmente feito em tais condições que em vez de o salvarem da ruína, apenas a adiam.

Vem agora a propósito perguntar: O Estado português gosa de crédito? A sua situação financeira é susceptível de se modificar? A sua administração sabe aproveitar inteligentemente todas as suas receitas?

Ninguém com sinceridade, ousará colocar uma afirmativa por resposta a estas claras interrogações. Todos sabem que o Estado português está desacreditadíssimo com as sucessivas revoluções e os sucessivos escândalos. A frase «o país está a saque» diz mais que todas as nossas afirmações. Essa frase é do sr. António Maria da Silva, isto é, do homem que preside ao governo que lança o empréstimo.

Que a situação financeira do Estado, pesa de tanta parasitagem de tanto banquete se venha a modificar, ninguém acreditará! Quanto à sua administração tem a palavra o T. M. E. e a Ex.ª posição do Rio de Janeiro.

Ora estando o Estado absolutamente desacreditado seria possível que ele em contraste para cobrir um empréstimo gente que lhe entregasse o dinheiro nele pedido em condições favoráveis? Evidentemente que não.

Em primeiro lugar o empréstimo não

é subscrito pelo povo. O povo não tem dinheiro para empregar nessas operações. Só os homens de dinheiro podem concorrer. E o patriotismo, desses homens vale, um poema.

Conviém distinguir que o empréstimo antes de vir a público já estava coberto pelos banqueiros.

Apenas algumas raras dúzias de *«acções»* serão postas à venda para dar a impressão que o empréstimo não é monopolizado pelos banqueiros.

E, os banqueiros repartindo entre si a quasi totalidade do empréstimo fazem-no por patriotismo? Para a esta interrogação se responder afirmativamente seria preciso, em primeiro lugar, esquecer que eles tem criado ao Estado toda a espécie de dificuldades e acasamente lhes negam dinheiro — mesmo quando o devem.

Conclui-se com facilidade que se os banqueiros, irreductíveis inimigos do Estado subvertem o empréstimo porque ele representa uma operação ruinossíssima.

O Estado marca a libra a 45 escudos. Quem lhe entregar 450 escudos ficará possuidor de 10 libras. E ao chegar à data do pagamento dos juros se o câmbio estiver, por exemplo, a 120 escudos, o patriota que emprestou ao Estado 450 escudos receberá juros da importância de 1200 escudos. E' fácil daquela preceito o prejuizo do Estado. E esse prejuizo pode ser a ruína. E os jornais que defendem o empréstimo preconizam-no como a salvação do Estado. Não é difícil de prever que se prepara a ruína do Estado e que este paga do seu bolso a propaganda da sua própria ruína.

Se esse indivíduo ou esse Estado, ao recorrerem a um empréstimo dispozem dum certo crédito e para isso será necessário que eles ofereçam sólidas garantias ou que o seu deastre financeiro seja apenas transitório, as condições impostas não, serão muito duras, nem muito ruínas. Mas se está em descrédito o empréstimo, se o realismo, será inevitavelmente feito em tais condições que em vez de o salvarem da ruína, apenas a adiam.

Vem agora a propósito perguntar: O Estado português gosa de crédito? A sua situação financeira é susceptível de se modificar? A sua administração sabe aproveitar inteligentemente todas as suas receitas?

Ninguém com sinceridade, ousará colocar uma afirmativa por resposta a estas claras interrogações. Todos sabem que o Estado português está desacreditadíssimo com as sucessivas revoluções e os sucessivos escândalos. A frase «o país está a saque» diz mais que todas as nossas afirmações. Essa frase é do sr. António Maria da Silva, isto é, do homem que preside ao governo que lança o empréstimo.

Que a situação financeira do Estado, pesa de tanta parasitagem de tanto banquete se venha a modificar, ninguém acreditará! Quanto à sua administração tem a palavra o T. M. E. e a Ex.ª posição do Rio de Janeiro.

Ora estando o Estado absolutamente desacreditado seria possível que ele em contraste para cobrir um empréstimo gente que lhe entregasse o dinheiro nele pedido em condições favoráveis? Evidentemente que não.

Em primeiro lugar o empréstimo não

é subscrito pelo povo. O povo não tem dinheiro para empregar nessas operações. Só os homens de dinheiro podem concorrer. E o patriotismo, desses homens vale, um poema.

Conviém distinguir que o empréstimo antes de vir a público já estava coberto pelos banqueiros.

Apenas algumas raras dúzias de *«acções»* serão postas à venda para dar a impressão que o empréstimo não é monopolizado pelos banqueiros.

E, os banqueiros repartindo entre si a quasi totalidade do empréstimo fazem-no por patriotismo? Para a esta interrogação se responder afirmativamente seria preciso, em primeiro lugar, esquecer que eles tem criado ao Estado toda a espécie de dificuldades e acasamente lhes negam dinheiro — mesmo quando o devem.

Conclui-se com facilidade que se os banqueiros, irreductíveis inimigos do Estado subvertem o empréstimo porque ele representa uma operação ruinossíssima.

O Estado marca a libra a 45 escudos. Quem lhe entregar 450 escudos ficará possuidor de 10 libras. E ao chegar à data do pagamento dos juros se o câmbio estiver, por exemplo, a 120 escudos, o patriota que emprestou ao Estado 450 escudos receberá juros da importância de 1200 escudos. E' fácil daquela preceito o prejuizo do Estado. E esse prejuizo pode ser a ruína. E os jornais que defendem o empréstimo preconizam-no como a salvação do Estado. Não é difícil de prever que se prepara a ruína do Estado e que este paga do seu bolso a propaganda da sua própria ruína.

Se esse indivíduo ou esse Estado, ao recorrerem a um empréstimo dispozem dum certo crédito e para isso será necessário que eles ofereçam sólidas garantias ou que o seu deastre financeiro seja apenas transitório, as condições impostas não, serão muito duras, nem muito ruínas. Mas se está em descrédito o empréstimo, se o realismo, será inevitavelmente feito em tais condições que em vez de o salvarem da ruína, apenas a adiam.

Vem agora a propósito perguntar: O Estado português gosa de crédito? A sua situação financeira é susceptível de se modificar? A sua administração sabe aproveitar inteligentemente todas as suas receitas?

Ninguém com sinceridade, ousará colocar uma afirmativa por resposta a estas claras interrogações. Todos sabem que o Estado português está desacreditadíssimo com as sucessivas revoluções e os sucessivos escândalos. A frase «o país está a saque» diz mais que todas as nossas afirmações. Essa frase é do sr. António Maria da Silva, isto é, do homem que preside ao governo que lança o empréstimo.

Que a situação financeira do Estado, pesa de tanta parasitagem de tanto banquete se venha a modificar, ninguém acreditará! Quanto à sua administração tem a palavra o T. M. E. e a Ex.ª posição do Rio de Janeiro.

Ora estando o Estado absolutamente desacreditado seria possível que ele em contraste para cobrir um empréstimo gente que lhe entregasse o dinheiro nele pedido em condições favoráveis? Evidentemente que não.

Em primeiro lugar o empréstimo não

LISBOA A ARDER

A Companhia das Aguas, ateando o incêndio, mata à sede, a população — da cidade, com a impunidade garantida pelo Estado vampiro —

Depois de saqueada por uma horda temerosa de bandidos impunes que as *nosas* leis sobremaneira protegem e favorecem, imediatamente a benemérita Companhia das Aguas, no seu costume invariável dos outros anos, mandou fechar as torneiras, nos bairros mais populosos da cidade.

O monstroso pólvora do Alviela ainda não está satisfeito nem pode satisfazer-se porque, de sua condição zoológica, é insaciável.

De maneira que a população dos bairros pobres de Lisboa, depois das bichas do pão, do açúcar, do carvão e de tudo o mais que é essencial à vida, tem agora a bicha da água, como a teve o ano passado e tem tido todos os anos e nos meses do verão.

Por falta desse líquido?

Porque a Companhia não pode vendê-la pelo preço exorbitante a que a levou?

Nada disso.

Porque a Companhia, que é uma das colunas mestras do edifício estadual nesta monarquia de barrete frigio ainda não está satisfeito com o pagamento da água a mil e duzentos o metro cúbico e, sob pretexto dum obra mas que já mais fará, quer mais e muito mais.

Não basta a desgraçada população de Lisboa a vida horrora que arrasta, privada de tudo quanto é indispensável à existência, explorada e roubada além da medida, por todo o bicho carreta.

Não lhe basta a espantosa e sempre crescente caresta da vida, principiando no vestuário e acabando na renda da casa.

Não lhe basta o preço do sabão que, pela sua enorme caresta, constitui um verdadeiro artigo de luxo.

Não lhe basta a espantosa mortandade das suas crianças que sucumbem ao envenenamento produzido pela deficientíssima alimentação que tem, verdadeiramente venenosa pela adulteração que lhe fazem.

Não lhe basta todo o cortejo de misérias que convertem a sua existência num suplício infernal de todos os momentos, principalmente desde o armistício a esta parte.

Não lhe basta não ter cabimento nos hospitais, onde não há camas nem possibilidade de acomodar mais enfermos e onde falta tudo, quasi em absoluto.

Não lhe basta o completo abandono dos poderes públicos.

Não lhe basta o flagelo da política de compadrio e favoritismo que se exerce e ultrapassa todas as marcas.

A's bichas do pão durante as noites do inverno, tempestuosas, à porta das padarias; às bichas, inclusivamente, nos cemitérios para o enterramento dos que sucumbiram aos estragos da pneumónica por falta de cuidados, de medicamentos e, sobretudo, de humanidade; às bichas por tudo e para tudo, vem juntar-se todos os anos e neste tempo as bichas da água junto dos marcos fontanários, com a água do Alviela, segundo se tem dito e nunca foi desmentido, correndo à farta para o Tejo, a fim de fazer a escassez que valoriza o produto.

Entretanto o povo das alfurças, o povo operário, a *«canalha»* que, além de ser a carne de canhão para a defesa desta patria dos privilegiados, que re-

bente de sede, ao pé das bicas estancantes, roído de fome e de inundação, ouvindo dizer com frequência as *«moralistas»* e quejandas alimárias, que a pobreza não tem nada com o asseio.

Que rebente e se amotine, para fazer o gosto à Companhia, favorecendo o jogo dos seus interesses inconscientes.

Mas, pergunto:

«Como há de lavar-se e lavar os» farraços uma população que nem ao menos para os gastos restrictos da cozinha pode obter uma bilha de água?

Mesmo que essa população queira lavar os trapos sem sabão, por não poder comprá-lo, em consequência da sua caresta, como há de permitir-se esse *«luxo»*, se lhe falta a água, não por não havê-la, felizmente, ou porque ela possa vir a faltar, mas porque a Companhia das Aguas assim o quer, sem que nenhum poder constituído lhe vá à mão, moderando as suas ambições desmedidas. E é assim que esta Lisboa do banditismo infame, depois dum horroroso suplício popular de muitos anos, trazido pela guerra e alimentado por uma oligarquia de pseudo-patriotas e pseudo-republicanos, é assim que Lisboa arde nos horrores da sede e há de consumir-se nesse incêndio enquanto o povo, sem fazer preces pedindo chuva, que seria tempo perdido, não fizer justiça por suas mãos, aplicando à malandragem que desgraça a Nação aquela receita do actual presidente da república de que foi publicada na *«Aima Nacional»* n.º 25, e transcrita no jornal *«O Combate»* do sr. Augusto Dias da Silva, em 17 de Junho de 1919.

Sendo certo e indiscutível que todo o

Estado marca a libra a 45 escudos. Quem lhe entregar 450 escudos ficará possuidor de 10 libras. E ao chegar à data do pagamento dos juros se o câmbio estiver, por exemplo, a 120 escudos, o patriota que emprestou ao Estado 450 escudos receberá juros da importância de 1200 escudos. E' fácil daquela preceito o prejuizo do Estado. E esse prejuizo pode ser a ruína. E os jornais que defendem o empréstimo preconizam-no como a salvação do Estado. Não é difícil de prever que se prepara a ruína do Estado e que este paga do seu bolso a propaganda da sua própria ruína.

Se esse indivíduo ou esse Estado, ao recorrerem a um empréstimo dispozem dum certo crédito e para isso será necessário que eles ofereçam sólidas garantias ou que o seu deastre financeiro seja apenas transitório, as condições impostas não, serão muito duras, nem muito ruínas. Mas se está em descrédito o empréstimo, se o realismo, será inevitavelmente feito em tais condições que em vez de o salvarem da ruína, apenas a adiam.

Vem agora a propósito perguntar: O Estado português gosa de crédito? A sua situação financeira é susceptível de se modificar? A sua administração sabe aproveitar inteligentemente todas as suas receitas?

POR ESSE MUNDO

INGLATERRA

Uma vacina contra a tuberculose
LONDRES, 15.—O dr. Dreyer, professor de patologia na Universidade de Oxford, comunicou que tinha conseguido encontrar um processo químico que isola os bacilos do seu invólucro gorduroso, dando assim esperanças de se poder empregar uma vacina contra a tuberculose que depois de injetada exerceria uma acção energética resultando o doente à saúde.

Proteção aos animais

LONDRES, 16.—Foi publicado o texto da nova lei inglesa relativa à protecção aos animais, que foi aprovada por 192 votos contra 109. Segundo ela um tribunal judicial pode impor uma pena de 6 meses de prisão a uma pessoa culpada de maltratar um animal, com ou sem trabalhos forçados e uma multa de cem libras ou as duas coisas, ao mesmo tempo.

Telegrafia sem fios

LONDRES, 16.—O senador Marconi, numa entrevista concedida por ele a um importante jornal londrino, declarou que durante a sua viagem de experiências tinha adquirido um grande progresso na telegrafia sem fios.

«Transmitimos, afirmam, uma mensagem a mais de 2.250 milhas não somente com uma pequena soma de potência e energia, mas mais depressa e mais económico do que o sistema de Marconi para transmissão a longa distância. Com o novo sistema consegue-se uma maior eficiência e requer-se menos energia. Telegrafar por este sistema das ilhas de Cabo Verde para a casa do Marconi e tentei telegrafar para o Brasil, mas o tempo impediu-o».

FRANÇA

O 450.º aniversário de Copérnico

PARIS, 16.—Por motivo do 450.º aniversário de Copérnico projecta-se uma manifestação franco-polaca na Sorbona presidida pelo reitor sr. Apell. Os srs. Hany, membro do Instituto e Strowski, professor da faculdade de Letras, falarão do illustre sábio polaco, cujas descobertas foram a base dos maravilhosos progressos da astronomia moderna.

Os que se naturalizam

PARIS, 16.—O número de naturalizações francesas foi no ano de 1922 de

mal que o povo padecer de exploração capitalista, de sobre comprada, o único remédio para esse mal e segundo a sobriedade recitar: «pregar a revolta no meio das vítimas para que elas se insubordinem» acrescentando a mesma receita que «o mais prático é não ligar importância aos carrosses e favorecer a revolta das vítimas».

O resto da receita fica no inteiro porque eu não quero ser mais revolucionário do que o foi o dr. António José de Almeida, quando já em pleno regime de liberdade, igualdade e fraternidade, (a) tração e subversão a receita que, em parte, deixou transcrita, agitando-a, para ser usada.

E faço isto na minha qualidade de vítima, com a enérgica motivação da minha revolta em me próprio mal muito menos, porque que o mal dos outros que avoluma de mais em mais a minha sensibilidade.

A isto chegamos e não se sabe ao que chegaremos nem em digo estas verdades para hostilizar o regime, antes pelo contrário, advertindo, porém, que se a monarquia, sobreponha a República a esta soberania, colocando a Humanidade acima desta, e acima de tudo e de todos a verdade nua e crua, de ora avante, sem lhe vestir nunca mais o «manto diáfano da fantasia», tanto que não é com emolumentos e pensos de água bõica que se combatem e curam gangrenas que reclamam a mais enérgica intervenção cirúrgica, como sucede no caso sujeito.

José BENEDY

A POLÍCIA

e as suas provocações

Acreditamos que a polícia tem ordens terminantes para provocar toda a gente, conseguindo assim admiráveis pretextos para espalhear e prender aqueles que não podem suportar as provocações desses mantenedores da ordem. E acreditamos porque diariamente registam factos bem frísantes e reveladores do que dizem.

Ainda nas duas últimas noites de festas populares se verificaram casos que revoltaram as pessoas que os presenciaram. No Bairro Alto andavam dois agentes da secretaria provocando toda a gente, agredindo a quem auxiliados por outros policiais fardados.

Se assim que se mantém a tal ordem, convencemo-nos que quem superintende nestas coisas de polícia tem interesse em que essa ordem seja a provocação por parte dos agentes de forma a irritar mesmo os mais pacíficos cidadãos, obrigando-os talvez a defender-se legitimamente das constantes arremetidas policiais.

Tais provocações não podem subsistir, porque nem toda a gente está disposta a tolerá-las com a passividade costumada.

A polícia, se pretende ser respeitada, deve, primeiro que tudo, ter a noção dos seus deveres, respeitando os outros — aqueles que lhes pagam e produzem trabalho útil. A não ser que com as suas arremetidas queiram justificar a sua razão de existência.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

4.583, com um aumento de 1.523 sobre o número de 1921.

RÚSSIA

A exposição internacional de Moscú

CRISTIANIA, 16.—O governo norueguês recusou-se a participar na Exposição Internacional que brevemente se realizará em Moscú. Entre outras nações vizinhas da Rússia também não participará a Polónia, para não consentirem os Soviets, pretextando que a Polónia tem auxiliado os bandos insurrectos da Ucrânia.

NORTE-AMÉRICA

A lei proibicionista

NEW-YORK, 15.—A maioria dos jornais americanos dos Estados da Costa do Atlântico comentam indignadamente a intenção do governo de restaurar os direitos dos navios estrangeiros de possuírem depósitos de líquidos alcoólicos, dentro do limite das águas territoriais americanas, fechados e selados, em troca da permissão das autoridades americanas, fazerem buscas a bordo de os navios a 12 milhas da costa. A maioria dos jornais dizem que o governo deve ter presente a frase de Ogden L. Mills da Câmara dos Representantes, que recentemente disse que «o governo deve pensar primeiro em pôr a terra firme no regime seco, antes de pretender secar o mar».

ESPAÑA

Ainda a morte dum arcebispo

MADRID, 15.—Dizem de Saragoça que foi mandado prender Francisco Ocasio Abadía, presunto autor do assassinato do cardeal Soldevilla.

CHINA

Prisão do presidente

PEKIN, 15.—O presidente Linan-hung foi preso em Tientsin pelos revoltosos, sendo obrigado a entregar os selos do Estado depois do que foi posto em liberdade.

BÉLGICA

Demissão do governo belga

LONDRES, 15.—O correspondente do Daily Mail em Bruxelas comunica que o governo belga pediu a sua demissão devido ao Senado ter rejeitado a proposta de lei da regulamentação do uso das línguas francesas e flamengas em Gand.

LIVROS NOVOS

Portugal terra do Atlântico, por João de Barros, edição das Livrarias Aillaud e Bertrand.

Ensinho laico, por Tomás da Fonseca, edição de «A Lumen» Empresa Internacional Editora.

Por via da guerra, contos, por Alexandre Malheiro, edição de «A Renascença Portuguesa», Porto.

Cruzeiro do Sul, crónicas da travessia seria do Atlântico, por Norberto Lopes, edição de «A Renascença Portuguesa», Porto.

A ave de rapina, drama rural em 3 actos, por António Dado, edição de «A Renascença Portuguesa», Porto.

Deixemos os pais, contos, de todos os filhos, pelo padre António de Oliveira, edição do autor.

Salvem os rapazes, pelo padre António de Oliveira.

A cigana, novela, por Augusto Kruss Afonso, edição da Livraria Académica—Lisboa.

UM FLAGELO

que ataca de preferência as crianças

E' A TOSSE CONVULSA. O Sanoqueluche, preparado descoberto há pouco tempo, tem dado excelentes resultados no tratamento desta doença, bastando, na maioria dos casos, um frasco para se obter a cura completa.

O Sanoqueluche também tem sido experimentado com óptimos resultados, em crianças e adultos, nas tosse de constipações, bronquite, tosse nervosa, tosse seca e em muitas tosse rebeldes em que outros tratamentos tem sido inúteis.

Corte e guarde este anúncio que pode um dia ser útil para si ou para uma pessoa amiga.

Frascos 10800, Para 1 frasco Correo, mais 2800. Depósito geral: Farm. Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A, 13-B—Lisboa.

Colhido pelo combóio

Deu ontem à noite entrada na sala de observações do hospital de S. José, em estado grave, Arnaldo da Graça, guarda da Câmara Municipal e residente na estrada de Sacavém, que foi colhido por um combóio no Arieiro, ficando com as pernas esmagadas.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

AS CRIANÇAS

Fracas de nascença ou as que tem o organismo enfraquecido por doenças que tiveram, as que tem falta de apetite ou cor pálida, as que se encontram em convalescença de qualquer doença grave e, em geral, todas as crianças raquíticas, escrofulosas ou linfáticas, devem tomar o «Adipol», tónico excelente para crianças, preferível às emulsões e ao óleo de fígado de bacalhau, pelo seu gosto agradável e pelas suas superiores propriedades: o «Adipol» acelera a nutrição, estimula o apetite e facilita a digestão. Todas as crianças, seja qual for a idade, podem tomar o «Adipol»: ele contém substâncias que irritam o estômago ou os intestinos.

Frascos, 10800, Correo, mais 2800. Depósito geral: Farm. Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa. Telefone 2041, Norte.

A BATALHA

Coliseu dos Recreios

HOJE—A'S 21 HORAS (9 DA NOITE)

Último sarau de arte — Último DO

Orfeão Académico de Coimbra

Em homenagem aos ilustres aviadores

GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL

Solemnizando hoje o 1.º aniversário da sua chegada ao Rio de Janeiro

1.ª apresentação do original

ORQUESTRA PITAGORICA

da distintíssima pianista D. Maria Aida Gomes

Roberto e do académico e aplaudido cantor Edmundo Bettencourt — Lindos fados

de Coimbra pelo académico e exímio cantor António Menano

Arte! Encanto! Entusiasmo!

LISBOA NA RUA

Classes que reclamam

Rendimentos dos operários

Deram entrada no hospital de São José, na enfermaria de São Francisco, Manuel Luís da Silva, de 52 anos, descarregador, residente na rua das Escaladas Geraes, 21, que a bordo de um vapor fundeado na doca do posto de Desinfecção, deu uma queda fracturando a perna direita.

—Na enfermaria de Santo António, António Marques de Almeida, de 21 anos, trabalhador, residente em Tancos, que ali, quando numa pedreira carregava um tiro, este explodiu inesperadamente, deixando-o muito ferido no rosto.

—A sala de observações, depois de operado no banco, Luis Baltazar, de 13 anos, filho de Joaquim Baltazar e de Maria dos Anjos Alves, servente de pedreiro, natural de Arganil e residente na rua de São Sebastião da Pedreira, 37, que, estando a amassar cal em uma obra dum prédio em construção na rua Luis Bivar, foi colhido por um tijolo que caiu de sobre um andaime, ficando com o crânio fracturado.

Atropelamentos

Recebeu curativo, no banco do hospital de São José, Maria da Luz Vilela Mesquita, de 49 anos, residente na rua Gomes Freire, 72, que, no Campo dos Mártires da Pátria, foi atropelada por um automóvel, ficando ferida na cabeça.

—Na enfermaria de Sousa Martins, do mesmo hospital, faleceu ontem, Tiago José, de 64 anos, residente na Travessa das Necessidades, 13, joia, que, como noticiamos, foi no dia 14 último, atropelado por um «side-car» na rua das Janelas Verdes. O cadáver recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento.

—Na sala de observações do mesmo hospital, deu ontem entrada, Gasão da Cruz Fernandes, de 10 anos, filho de Francisco Reis Fernandes e de Firmiana Amélia Fernandes, residente na rua das Olarias, 51, 1.ª, que na rua do Registo Civil foi atropelada pelo automóvel S. 4920, ficando com uma perna fracturada e muito ferido na cabeça e contuso pelo corpo.

Queda mortal

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, faleceu ontem, Carlos Leitão, de 32 anos, cuja identidade se ignora, e que, como noticiamos, no dia 12 último, caiu de uma charrute no Campo Grande. O cadáver recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento.

Agressões

No Banco do Hospital de São José, recebeu ontem curativo Manuel Francisco Barata, de 29 anos, descarregador, residente na Calçada de São João da Praça, 61, joia, que, quando a madrugada última passava pela Travessa de São Domingos, foi atingido por um tiro na coxa direita, ignorando donde ele partiu.

Os feitos da "briosa"

Como tocou pela porta dos «outros», vão ser aplicados castigos aos... «agressores»

Informam-nos da Arcada:

«O deputado sr. Bartolomeu Severino protestou junto do presidente do ministério contra a agressão injustificada, cometida por soldados do batalhão da guarda republicana a quartelão em Viçeu, contra o procurador da Junta Geral daquele distrito, sr. Alexandre Marques da Silva. O sr. António Maria da Silva chamou por o facto a atenção do Comandante Geral da Guarda, a fim de ser aplicado aos agressores o merecido castigo».

Quando se trata de operários agredidos pelos da guarda, diz-se que é para manter a ordem que assim procedem e em nome do patriotismo.

Mas desta vez tocou pela porta aos «outros» e são os guardas cognominados de agressores, para os quais o presidente do ministério pede que seja aplicado o merecido castigo...

E' que os trabalhadores são feitos de massa diferente e nenhum presidente de ministério se incomoda que sejam barbaramente espancados pela guarda, provando-se mesmo que a agressão é injustificada, o que sempre sucede.

O melhor refresco é a carapinhada de cacau

SIC

A venda em todas as confeitarias e leitarias.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima.—Reuniu ontem o Conselho Federal com a representação de vinte e dois sindicatos. Depois de lida e aprovada a ata da sessão anterior, sobre a qual se realizou uma discussão, entrou-se na ordem dos trabalhos: apreciação do expediente, que constava do seguinte:

Um ofício dos camaradas da Exploração do Porto de Lisboa, em que notificavam a adesão em definitivo à Federação e credencial acreditando os respectivos delegados.

Sobre o ofício falou o secretário geral, que se referiu ao seu conteúdo, dizendo ser tudo quanto há de mais justo nas suas referências de adesão à C. G. T., cumprindo-se assim o resolvido no Congresso Corporativo. E visto que esses camaradas mostram a melhor vontade de se conseguir essa deliberação espera que todos os delegados ao Conselho se esforcem porque ela se ponha dumavez para sempre em prática.

Na mesma ordem de ideias falou o delegado dos Descarregadores de Lisboa o delegado do pessoal da E. P. L.

A seguir foi lido um ofício dos armadores e agentes de Lisboa em resposta a uma comunicação enviada pela Federação sobre o facto de os camaradas de Sines, quando iam para retomar o trabalho por ordem da mesma Federação serem por alguns industriais dessa localidade vítimas de represálias, pois que lhes tiram diverso serviço que era feito por associados, dando-o a não associados, por sinal são criaturas que tinham sido despedidos em tempos por não merecerem confiança a esses industriais. Como a resposta da Associação Patronal não fosse satisfatória, foi resolvido tentar a Com. Adm. Administrativa mais algumas «demarches» para que essas camaradas não fiquem sem uma regalia que já auferiam.

Sobre um ofício dos Estivadores e Condutores de Setúbal, incidindo várias discussões sendo todos os oradores unânimes, depois do ouvir o delegado dessa classe, que se envie delegados da Federação a Setúbal, para se esclarecer diversos pontos. Em seguida foi suspensa a sessão, para continuar na próxima quarta-feira, às 20 horas.

Federação Metalúrgica.—Reuniu ontem a comissão administrativa, que após ter tomado conhecimento de ofícios de vários sindicatos, apreciou a de soldadores, de Olhão, sendo pela comissão que entrevistou o presidente do ministério e governador civil de Faro, dando conta da sua missão, considerando-se que esta autoridade não fez, como se tinha prometido, a contribuir para a solução daquele conflito, aguardando esta Federação informes para agir consoante as circunstâncias aconselharem. Foi também tomado conhecimento, por um ofício enviado pelo Sindicato de Olhão, da travessão com a qual se tratava de uma comissão de trabalho, para a solução do mesmo conflito, aguardando informes mais pormenorizados, para o apontar à consciência de toda a classe metalúrgica.

Foi também apreciado um ofício ao Sindicato de Peniche, onde se historia um conflito com a gerência da Sociedade Peninsular de Conservas Lda, sendo acremente censurada a atitude belicosa daquele gerente e submissão do administrador do conselho, tendo-se resolvido procurar amanhã os proprietários daquela firma para que justiça seja feita aos respectivos operários.

Chegou também ao conhecimento desta comissão que um indivíduo de moral duvidosa andou bolsando calúnias contra Leonel dos Santos, que presentemente está em Cascais. Esta comissão, depois de se informar devidamente nas localidades onde aquele operário tem trabalhado, reconheceu que todos são unânimes em afirmar que é um indivíduo consciente, honesto e sincero, como por esta Federação era reconhecido e a quem a organização muito deve. Em virtude disso esta comissão resolveu tornar público a consideração que tem por aquele camarada.

Depois foram apreciadas as circulares 33 e 35 da C. G. T. resolvendo-se levá-las ao conhecimento do conselho que deve reunir na próxima semana.

Federação Mobiliária.—Comissão Administrativa.—Registou com infinita satisfação uma dívida do S. U. Mobiliário do Porto, resolvendo testemular-lhe o seu reconhecimento.

Ocupou-se da marcha dos trabalhos dos sindicatos Mobiliários de Faro e Coimbra, resolvendo que, quanto ao primeiro, a U. S. O. de Faro se deve pronunciar em harmonia com um ofício enviado.

Apreciou duas circulares da C. G. T., que baixam ao Conselho Federal a reunir na próxima quinta-feira, que entre outros assuntos, ocupar-se-há da «festivação do 2.º Congresso Corporativo».

S. U. Mobiliário.—Comissão editorial de «O Operário Mobiliário».—Apreciou assuntos referentes à saída do n.º 2 do órgão corporativo, que convenção não ser no dia 1 de julho.

Resoluiu avisar por este meio, todos os camaradas da indústria que desejam colaborar no mesmo órgão que devem enviar os seus originais até ao próximo dia 20, inclusivo.

Na terça-feira volta a reunir em conjunto com a comissão promotora da festa.

S. U. Metalúrgico.—Para tratar de assuntos urgentes e de suma importância; reúne hoje, à 12 horas, na Comissão Administrativa, sendo de grande necessidade a comparença de todos os membros e em especial os camaradas que foram eleitos na última assembleia geral, os quais devem assinar o termo de posse.

Conjuntamente deve reunir a Comissão Pró-Sede, a fim de tomar conhecimento de uma «demarche» efectuada para o conhecimento do seu programa e sobre tal tomar resoluções.

CONVOCAÇÕES

Compositores tipográficos.—Reúne na próxima quarta-feira, 20, pelas 17 e meia horas, a assembleia geral extraordinária, para discutir a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª Discussão da circular da C. G. T., sobre as Intercomunações 2.ª Continuação da discussão e votação do Relatório sobre acumulações; 3.ª Nomeação de dois delegados à U. S. O.; 4.ª Pro-

nunciar-se sobre uma consulta da Federação, no sentido de se organizar o S. U. Gráfico; 5.ª Apreciar a resposta da Federação, sobre a criação de Conselhos Técnicos.

Fragateiros.—Para apreciar o pedido de demissão do presidente da Direcção e nomear o camarada que o substituir, reúne amanhã a assembleia geral, pelas 19 horas.

Operários aliados.—Para apreciação da circular da U. S. O. e nomeação de dois novos delegados, reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, a assembleia deste sindicato.

Mecânicos de açúcar.—Reúnem amanhã, pelas 17 horas, em assembleia geral, a fim de se tratar da adesão da classe à U. S. O. e da melhoria de situação.

Operários cerâmicos.—Secção de Palma.—Reúnem depois de amanhã, 19, pelas 20 horas, devendo comparecer sócios e não sócios, para um assunto de grande importância, e as camaradas que tem de prestar contas a este sindicato.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Comitê Federal no Norte.—Reuniu extraordinariamente para tratar da propaganda, a desenvolver na província, e apreciar a resposta que a Federação deu sobre a consulta que lhe foi feita, a esse respeito.

Conjuntamente discutiu os relatórios de alguns delegados que foram a algumas localidades em missão de propaganda, e por eles se verificou a absoluta necessidade de com urgência se iniciasse essa propaganda.

Constatou que as localidades, que primeiro é preciso visitar são: Pedras Rubras, Vila do Conde, Penafiel, Guimarães e Vizeu, atendendo à sua precária organização e ainda por que algumas dos respectivos sindicatos estão fora da organização geral.

Como o assunto não admite delongas foi resolvido apresentar um alvitre à Federação para no caso desta estar de acordo imediatamente se iniciasse a respectiva acção.

O Comitê previne os operários das fábricas de cortumes do Porto e Guimarães que estão em greve os seus camaradas de Lisboa, e por esse motivo não devem ir trabalhar para aquela cidade a fim de não atirarem os operários em luta.

Igualmente lembra aos delegados que ainda não apresentaram os seus relatórios a conveniência de o fazerem o mais rápido possível.

Curtidores e surradores de Guimarães.—Reuniu a assembleia geral extraordinária para tratar do auxílio aos grevistas da Covilhã, sendo deliberado prestar toda a solidariedade necessária. Uma comissão fez uma queixa que rendeu 181\$40, tendo este sindicato enviado já 200\$00.

Os que morrem

FUNERAIS

Guilherme Curto

Vitimado pela tuberculose faleceu ontem no hospital do Rêgo, o operário servente de pedreiro Guilherme Curto. Todos os que tem ajudado envolvidos no movimento revolucionário conheceram esta curta figura que a morte, inopinadamente arrebatou. Guilherme Curto, foi acima de tudo, um sentimental. Pertencente ao número das criaturas a quem a vida nunca reserva horas despreocupadas. De facto a sua vida, agitada por lances diversos, foi cortada de episódios tristes e amargurados. Ainda nos recordamos quando do longínquo movimento de 29 de Janeiro, que foi como se sabe o primeiro movimento enérgico e popular contra a carestia da vida, o espanto que causou a luta por ele travada contra uma esquadra de polícia, luta essa que resultou trágica e o levou a prisão e a condenação dura. Ultimamente Guilherme Curto com a saúde muito abalada dedicou-se à propaganda das doutrinas naturistas. Mas a breve trecho a doença fez-lhe hospitalizar.

O seu funeral efectua-se amanhã, às 15 horas, saído do hospital do Rêgo para o cemitério Oriental, sendo as despesas que ele acarreta custeadas por um grupo de amigos e camaradas.

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa e a Secção Profissional dos Serventes de Pedreiro, convidam os seus filiados a incorporarem-se no funeral.

Realiza-se hoje, às 17 horas, o funeral do empregado comercial sr. Domingos Romão saído da sua residência Avenida Casal Ribeiro, 30 para o cemitério Oriental.

O VERÃO

É a estação em que se deve

—cuidar mais da higiene—

O «Especifico Sudax» é um desinfetante agradável que se deve usar, principalmente no verão, para manter a higiene dos pés, dos sovacos e das mãos; evita a transpiração excessiva e faz desaparecer completamente o cheiro desagradável do suor. Inofensivo para a saúde, portátil e de fácil aplicação. O «Especifico Sudax» não contém gordura e não mancha a pele nem a roupa. Util é indispensável a todas as pessoas que viajam, as que se dedicam ao sport, as que tem de fazer grandes marchas e a todos as pessoas, enfim, que tem uma vida muito movimentada.

Caixa, 7500. Correo, mais \$50. Depósito geral: Farmácia Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa. Telefone 204, Norte.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto.—Realiza-se hoje nesta colectividade um baile abrandado a piano.

Clube Recreativo «Os Choros».—Pelas 14 e meia horas de hoje efectua-se uma sessão de homenagem à memória de Joaquim A. Pereira.

Sociedade Recreio Operário A Portugal.—Baile a inglesa e valsa a prémio. Só para sócios com a ditina cota.

Foi este o número que correu ao primeiro maior da lotaria da Misericórdia de Lisboa, de ontem, e foi, por consequência, a rifa com este número a contemplada com o automóvel «De Dion Bouton» que a Grande Comissão Pró-Batalha rifou com o maior êxito em benefício do porta-voz da Organização Operária Portuguesa.

Segundo os nossos registros, o possuidor dessa rifa é o nosso amigo Feliciano Soares.

Ainda recebemos mais as seguintes rifas que ontem não podemos inserir:

Remessa de Braga

1792 e 4292—Ernesto M. Carvalho
1793 e 4293—Alvaro J. Pereira
1794 e 4294—Manuel José Silva
1795 e 4295—Manuel Fernandes
1796 e 4296—António M. Carvalho
1797 e 4297—Miguel F. Almeida

Remessa da chaparia «A Social»

1852 e 4352—António Joaquim Ferreira
1853 e 4353—Joaquim Maria
1854 e 4354—Sebastião Tavares
1855 e 4355—José Ribeiro
1856 e 4356—José Carvalho Barradas
1857 e 4357—Fernando Navarro
1858 e 4358—José Gomes
1859 e 4359—Angelo C. Ribeiro
1860 e 4360—Alfredo Monteiro
1861 e 4361—5 operários de A Social
1862 e 4362—S. Teixeira, B. Brito e J. Augusto

6496 e 8996—João Rodrigues
6497 e 8997—Guilherme Rego
6500 e 9000—João Costa

Quioscos da Avenida

7404 e 9904—António Gonçalves
7405 e 9905—Maria C. Almeida
7406 e 9906—João Francisco Lisboa
7407 e 9907—Alfredo Cesar de G.
7408 e 9908—ceres

Remessa de Tavira

7461 e 9961—Francisco J. P. Cunha
7462 e 9962—José Cabrinha
7463 e 9963—Manuel M. Costa
7464 e 9964—Joaquim M. Estrado
7465 e 9965—Mariano M. Estrado
7466 e 9966—Joaquim Nascimento
7467 e 9967—Adriano B. Santos
7468 e 9968—Antônio Baptista Nelo
7469 e 9969—Antônio de Sousa
7470 e 9970—José F. da Encarnação

O festival no jardim da Estrela

NO PORTO

A QUESTÃO DO INQUILINATO

A organização dos inquilinos-operários com as suas comissões de ruas, de ilhas e de bairros, deve ser aconselhada, pois só assim é que a acção — contra as violências e usura dos proprietários resultará profícua

PORTO, 14.—A questão do inquilinato intensifica-se. Os abusos dos senhorios são ininterruptos; a cumplicidade das autoridades é constante; e as violências, quase cotidianas, dos despejos irritando todos aqueles que ainda não tem gastas as fibras do sentimentalismo.

Devido, pois, a esta situação grave, porque vai passando o período do inquilinato, a propaganda a favor dum acção enérgica contra os proprietários gananciosos desenvolve-se também dum maneira respeitável: as colectividades criadas particularmente para a defesa dos inquilinos, as juntas de freguesia, a associação dos comerciantes e as agremiações socialistas têm elaborado as suas representações e os seus protestos e realizado reuniões de agitação, para que a opinião pública se elucide e proceda.

«O que pedem todos? Uma lei mais perfeita, mais justa, que garanta os direitos sagrados dos habitantes das casas dos outros, dos detentores da propriedade. Como leis escritas no papel, evidentemente que há umas melhores que outras, com um maior ou menor número de portas falsas, com um melhor ou pior poder de síntese esclarecedora, com um verniz maior ou menos democrático em cujo brilho se pode reflectir uma maior ou menor dose de perfeição e justiça. E não se pode até dizer que neste desgracado país não haja leis regulares de protecção às gentes, embora elas não sejam respeitadas por quem as deveria cumprir e fazer observar.

Ora precisamente porque a União dos Sindicatos Operários desta cidade igualmente por seu lado vai levantar uma campanha contra as manobras senhoris, para o que já ficou resolvido efectuar-se assembleias magnas em todos os sindicatos, como preparativos dum outra reunião maior — é que entendemos apontar uma opinião avencada acerca do momento problema. Em primeiro lugar, porém, suponhamos que toda a campanha que se iniciou contra a patifaria dos senhorios teve o seu desejado êxito e que o parlamento realmente, em satisfação às reclamações dos inquilinos, votou uma excelente lei, superior à que para ali existe e que mesmo essa não é cumprida.

Admitamos a lisonjeira hipótese de que apareceu um Pi e Margali e elaborou uma de vistas largas, em cujas cláusulas surge uma que claramente dispõe a avaliação das casas, para que o inquilino, baseando-se na regalia social da lei supradita, vá descontando o seu impoite por intermédio das rendas, até conseguir, findo o pagamento, a posse do edifício... Temos a certeza, como os exemplos da prática nos tem demonstrado, que se não houver uma forte preparação dos inquilinos, capazes de resistirem a todos os *trucs* e violências, nenhuma lei terá aquela validade que seria para desear. As leis não de ser sempre sofismas, desrespeitadas, esfrangalhadas pela influência dos poderosos, e muito principalmente no país de bandalheira, como é o nosso...

Esta opinião, contudo, não quer dizer que desanimemos aqueles que optam pela reclamação de que se revogue a actual lei do inquilinato e se aprove a do sr. Catão de Menezes ou outro que apareça, por ser melhor. Nada disso. Visa simplesmente a completar a acção, para que ela tenha melhores resultados e para, portanto, quebrar a fúria dos senhorios com uma resistência bem organizada dos inquilinos mais atingidos.

«Ora quais são os inquilinos mais atingidos os que mais sofrem as velharias dos proprietários, e dos tribunais que lhes subservientes? Incontestavelmente, são os operários, os humildes trabalhadores, aqueles que se escoram nas mansardas das ilhas, dos bairros, nesses cubículos justapostos dos grandes aglomerados obreiros. São os que ganham de dia para comer à noite, na filosófica frase popular, os que mais atacados são pelos senhorios, já por por que o seu salário não comporta o egoísmo proprietário nem as exigências das demandas, já porque estão sujeitos às contradições do desemprego e das doenças que lhes faz atrair o aluguel. É verdade que a lei podia prever estes casos, mas não é menos certo que o proprietário, que ao mesmo tempo pode ser industrial, tem facilidade de conseguir do seu colega uma declaração de que o operário fôra despedido, não

bem falta de trabalho, mas por ser exaltado, agitado, incompetente, qualquer coisa — se não desse o caso do infeliz ser também, a um tempo, seu empregado e inquilino...

Daqui se infere, pois, que se os inquilinos operários são os mais atingidos, são eles em primeiro lugar os que devem agitar-se e defender-se. Sendo a organização sindicalista a legítima representante do operariado; tendo a União Local, importante célula daquela organização, resolvido tomar parte na grande batalha contra os senhorios ocupando o seu sector especial, porque especialmente também tem que ser a sua tática — a U. S. O., com o auxílio dos seus organismos aderentes, deve influir para que o inquilino faça a sua união revolucionária.

Nas ilhas, nos bairros, nos grandes centros obreiros, habitam, aglomeram-se os milhares de sindicatos, as centenas de militantes. Assim, nas reuniões dos sindicatos, salienta-se a estes milhares de sindicatos e até aos militantes menos esclarecidos a necessidade, a vantagem que haveria em constituir comissões de ilhas, de bairros e de ruas, e até de casas, visto que há casas que tem dezenas, se não centenas, de inquilinos. Essas comissões estariam em permanente vigilância e agitariam os núcleos formados de inquilinos da sua área. Estariam, por intermédio de delegados seus, em contacto com a organização sindicalista. Propagandavam a greve do inquilino, quando os senhorios, como agora, iniciassem uma acção nefasta de aumentos de aluguel, de recusa da passagem de recibos, de mandatos de despejo, etc.

Foi por esta maneira que há tempos em Barcelona se fez nos bairros operários a greve dos inquilinos. As autoridades, em muitas casas, em muitas ruas, cometeram, é verdade, a violência de pôrem ao ar livre as mobílias. Mas a multidão de *gravisitas* contra os senhorios, deixou-se ficar nas *calles*, junta com os móveis, não se retirando.

O trânsito interrompeu-se e a cidade estava prejudicada na sua vida regular. Em face da atitude do povo produtor, as autoridades terminaram por meter na ordem outra vez dentro das casas tudo o que tiraram... E os senhorios encolheram um pouco as garras.

SECÇÃO NATURISTA

O Homem e a Natureza

É PRECISO QUE A FUTURA SOCIEDADE SE FUNDAMENTE APENAS NAS LEIS NATURAIS

Reconhecer como um facto as leis naturais na organização do homem é o verdadeiro progresso para a sociedade futura.

Qualquer que seja a potência activa, a causa motriz que rege o Universo, tendo dado a todos os homens iguais órgãos, e idênticas sensações e necessidades, fica demonstrado, portanto, que todos os indivíduos tem iguais direitos e bens, bem como o uso recíproco de suas faculdades.

Então todos os homens são iguais no seu da Natureza?

Em primeiro lugar é evidente que, tendo a Natureza dotado a cada qual de per si com os meios suficientes de prover à sua existência e constituindo a todos independentes uns dos outros, num estado livre, é lógico e natural que ninguém esteja submetido a outro, sendo de facto cada um proprietário de si mesmo, do seu eu.

Mas eis o dilema: «A igualdade e a liberdade, esses dois atributos essenciais que a Natureza legou ao homem, em forma de leis irrevogáveis, são violados pelo próprio homem, que por consciência sofre amargamente o castigo de tal culpa.

Não saíram meus conhecimentos da universidade para poder definir este problema da luta entre o homem e a natureza, com a suficiente competência, mas aqui já baixei ao fundo da minha, sou como as águas, corri em leito locomoção e vivi entre as engrenagens da máquina; cultivei o campo árido; tempestades impetuosas e seus abraçadores me tem banhado continuamente, encontro-me com disposição suficiente e abundantes recursos práticos para abor-

Em Paris já tem havido a organização do inquilinato, as comissões de casas, de bairros e de ruas, e neste momento debate-se novamente a questão, e o inquilinato volta-se a organizar revolucionariamente, inscrevendo nos seus programas a conquista das casas — isto é: a expropriação da propriedade, que está dentro das aspirações do sindicalismo revolucionário.

É difícil, entre nós, dado o comodismo do nosso povo operário, organizar-se revolucionariamente os inquilinos pobres e que trabalham? É possível; mas nada se consegue sem esforço. E enquanto as coisas estiverem como estão, tudo continuará como dantes.

Não; só a união do inquilinato, com os seus delegados de vigilância, de entendimento e de agitação, é que fará conter num pouco de respeito a usura senhorial. Nesta rua, naquele bairro, naquela ilha os senhorios querem aumentar? Reunião das comissões, convocação dos inquilinos e esta lógica resolução, independente doutra mais violenta e justiciera que as camadas populares possam adoptar — greve, quer dizer, ninguém pagar ao senhorio, esperando-se que a justiça ponha na rua todos os móveis dum população laboriosa.

A auxiliar esta greve, se tanto fôsse possível, viria a greve das fábricas, das oficinas, dos «ateliers», dos escritórios, etc., etc., pôsto que a greve das habitações, isto é, dos locais contra os sublocatários e proprietários era feita pelos próprios escravos do trabalho.

«Ora esta utopia deve a U. S. O., defende a nascer de agitação que se efectuem nos sindicatos ou em comício público, outro tanto devendo fazer os militantes das classes obreiras sem se estiolarem por esses encolchidos sem ar nem luz, mas caríssimos? Há quem seja dote parecer e parece ter razão. Há delegados de fábricas, de oficinas «ateliers» e de obras; seguido o conselho apontado, apareceram a juntar-se à organização da revolta, embora em especial posição, os delegados das habitações, os representantes dos inquilinos pobres, que, sendo os que tudo produzem e nada possuem, são também os mais perseguidos, os mais vexados pelos senhorios.

É uma opinião, que pode ser aceite ou rejeitada...

MONCHIQUE

12 DE JUNHO

Gesto digno

Os trabalhadores da cá da terra vendo que os dias «sanjos» — que essa caterva que os rouba, quer que eles guardem — são lhes trazer em vez de alegria e consolo, miséria e de oclação, trataram de dizer aos seus alegeos que no dia do «Sagrado Coração» estavam dispostos a trabalhar, porque não viviam de pas-sear.

Alguns dos patrões, mais devotos, ainda quiseram reagir dizendo: «Mas isso é uma vergonha, os nossos pais e avós sempre respeitaram este dia». Os operários, porém, mostraram-se dispostos a não ceder pelo que os seus verdugos, vendo-os inabaláveis, tiveram que concordar.

Se os operários, em tudo que lhe diz respeito, processarem desta forma, de certo não eram espinhados e levados ao ridículo!

«O grande coração»

Esta vez aos irmãos e irmão do «Sagrado» estalou-lhes a castanha na boca... Estavam com grande alegria, esperando que a recita se realizasse porque, diziam eles, o programa era atraente e, concerteza, ninguém faltaria a abri-lhar o rega-bofe. Mas as contas saliram-lhes furadas e, em vista disso, o cartaz teve que sofrer inúmeras alterações, das quais nomearei algumas: «Uma das principais foi não se efectuar a vind. pregador, que segundo me informaram, recando quando ao expor a cantilena fosse mal recebido, como o seu colega», resolveu não fazer parte da vind. Outra foi, que contendo com a concorrência de desres a que chamam *culpa*, não tiveram êxito pôs, porque esses sabem muito bem que tudo aquilo é farça. Do que tiveram êxito foi de desres que eles com facilidade transformam em «crentes» dum coisa que só existe adentro dessa escola de mentecaptos a que chamam «casa-de-Deus» a igreja.

A juventude

É por bastante pena que me refiro à mocidade de cá, pois sendo numerosa e com alguma instrução, está completamente arredada do papel que tem a desempenhar perante esta sociedade putrefacta — C.

ALMADA

15 DE JUNHO

O pão em Almada e a indiferença da organização

Como já noticiámos o pão subiu \$10 em cada quilo. Parecia de boa lógica que os consumidores protestassem. Pois

da mais nobre de suas faculdades, porquanto tais casos, completamente anormais, não deveriam existir e certamente não existiriam numa sociedade que se estabelecesse em leis naturais.

José TALLON

Da revista *Pro-Vida*, de Cuba.

Era coisa estranha tanto abetimento em um festim abundante de álcool. Ninguém compreendia porque motivo a turbulência desenfreada, própria dos moradores do asilo quando reitados em torno de um garrafão de aguardente, tardava tanto em manifestar-se.

—Calem-se, pérois! Calem-se, um instante — disse o capitão, erguendo-se e escutando. — Parece que alguém se aproxima, de carro...

Um carro aquelas horas e naqueles sitios era um acontecimento extranho. Quem se arriscaria a sair da cidade pelos caminhos intrinsecáveis do bairro? Quem e para quê?

Todos levantaram a cabeça e escutaram. No silêncio da noite, ouvia-se distintamente o ruído seco do travão raspando nas rodas.

O carro aproximava-se. Ouvia-se uma voz grosseira, que perguntava: — Onde devo parar?

Alguém respondeu: — Deve ser aqui... Um casarão...

— Procuram-nos! — exclamou Kovalda. Levantou-se um murmúrio de iniquitação.

— A polícia!

— Em carro? Idiota! — disse surdamente Martiano.

Kovalda levantou-se e dirigiu-se para a porta.

— É aqui o asilo nocturno? — perguntaram em voz temerosa.

— O asilo de Aristides Kovalda é aqui — disse o capitão contrariado.

não aconteceu assim. O povo consumidor, esse mesmo povo que está sempre pronto a dar palmas e vivas a qualquer político arrabista, comprou o pão com o novo aumento, e nem sequer fez um gesto demonstrativo do seu descontentamento.

Em tempos a U. S. O., ao desenharem qualquer coisa neste sentido, tratava de se mexer, interessando a massa trabalhadora, a fim de que se fizessem todos os esforços para que não vingassem estes verdadeiros roubos.

Agora aconteceu precisamente o contrário. Talvez haja quem dê sentido contrário a estas considerações. Mas isso não nos importa, pois que nós só procuramos — e isto sem espírito malévolo — interessar a falange trabalhadora, na defesa dos seus interesses, e ser ao mesmo tempo o mais justo possível nas nossas apreciações.

É que nós vemos que para evitar que o roubo se consumasse, a U. S. O., que tem a seu cargo a defesa dos interesses gerais da família trabalhadora deste concelho, nem sequer rúniu, nem sequer levantou a sua voz neste tão momentoso assunto.

Isto não é um ataque; é apenas mostrar um desgosto por ver que nada se disse agora quando se acusou tanto a antiga comissão administrativa de não trabalhar, e quando os seus trabalhos eram bem visíveis.

Não sabemos a razão de tal anomalia, a não ser que alguns sindicatos ainda não tenham nomeado os seus delegados.

É preciso que as afirmações feitas, correm, ondam as acções da época presente, pois os trabalhadores neste concelho tem bom espírito de organização, restando apenas que os conduzam ao cumprimento dos seus deveres.

Uma festa simpática

Na véspera e dia de Santo António, um grupo de crianças, Manuel Afonso Martins, Fernando Gil, José Nunes, Mário Farinha e Jílio Duarte, organizou uma festa cujo produto é para distribuir a criaturas das mais necessitadas, e cuja distribuição se fará no próximo domingo. É de notar que os componentes desta comissão variam entre 12 e 14 anos de idade.

A comissão está penhorada a todas as pessoas que a auxiliaram no seu nobre gesto, e nós felicitando-a só desajam que a distribuição do produto da festa, presida a este critério que presidiu à organização da festa. — C.

Festa de confraternização

Promovida pela direcção da Associação de Classe do Yessoal dos Tabacos, efectua-se hoje na respectiva sede, rua do Mirante, 21-A, 1.ª, uma festa de confraternização. Pelas 15 horas realizará uma conferência o sr. Fernão Botto Machado, fazendo ainda uso da palavra outros oradores, e a seguir concerto por um grupo de bandolistas. A's 21 horas, sairá dramático pelo grupo «Os Carquejas».

— Bem, agora... disse o homenzinho embaraçado. — Parece-me que não sou preciso para mais nada, que de nada posso servir-lhe.

— Tu? Kovalda analisava-o, reparando em todos os detalhes da sua pequenina figura.

O homenzinho vestia um casaco muito coçado, que abotoava cuidadosamente até cima; umas calças já no fio, e um chapéu russo e velho, tem encarquilhado como o seu rosto esquelético e seco.

— Não; não é preciso para nada; como tu há cá muitos — replicou o capitão, afastando-se do homenzinho.

— Nesse caso, adeus. Até à vista. — E dirigiu-se para a porta, acrescentando timidamente:

— Se fôr preciso... mandem-me dizer para a redacção... Posso fazer-lhe um pequeno necrológico. Porque em suma, sempre era um jornalista...

— Que? — Um artigo necrológico. Jizes tu? Vinte linhas... quarenta *hopes*... Nada, farei coisa melhor... Se ele morrer, corto-lhe uma pena e mando-a para a redacção, em teu nome. Sempre terá comida para dois ou três dias, porque as pernas são gordas... Isso sempre te rende mais que um artigo necrológico. Já que todos o Jevoaram, já, durante a vida, devemos também depois de morto...

O homenzinho desatou a cabeceira do mestre-escola, sacudi-o ligeiramente, chamando:

— Filipe! Filipe!

A BATALHA - na provincia - e nos arredores

Crónica de Coimbra

O horário de trabalho e os operários da indústria do Mobiliário

É vergonhoso o que se está passando com os operários da indústria do mobiliário desta cidade, no que diz respeito ao horário de trabalho. Esta classe está tomando uma atitude muito pouco coerente com as suas tradições revolucionárias, parecendo esquecer o quanto de sacrifícios tem custado para todo o operário a conquista do dia normal de oito horas. A classe devia ter sempre em mente o seu gesto de 1920, em que impôs ao patronato o estabelecimento do dia de oito horas, só devendo o êxito da satisfação desta regalia pela atitude enérgica que adotou então, gesto este que não só revelou ao patronato a força moral da classe, como também nobilitou esta perante toda a organização operária. Vem estas considerações a propósito de termos sido informados de que em quasi todas as oficinas daquela indústria está sendo o horário traído dum maneira assombrosa e com o consentimento dum grande parte da classe, trabalhando dez e mais horas por dia!

Ora isto, camaradas mobiliários não pôde ser! É uma traição o que estais fazendo, pois nem sequer podeis desculpar-vos com o argumento de que o que fazeis é com a mira de auferirdes maiores proventos, pois, segundo as nossas informações, é exactamente nas casas onde o horário está sendo desrespeitado, que os salários são mais baixos. Portanto não há razão convincente que possa apoiar o vosso gesto.

É preciso que vós operários desta indústria, olheis para os graves prejuizos que vos pode acarretar esta atitude, pois o menos que pode advir daqui, é uma grande crise de trabalho, o que, segundo ainda as informações que colhemos, se vai avarinhando com uma certa rapidez.

Qual é a consequência, portanto, desta atitude? É, evidentemente, o êxodo para os grandes centros como Lisboa, à procura de trabalho, provocando nesses centros, com a abundância de braços, a consequente baixa de salários.

Urge, pois, que o Sindicato Único encare esta questão com a energia que o assunto require, e evite o prolongamento desta situação deprimente para a classe, pois não é lógico que aqueles que estão orientando aquele sindicato, mostrem uma indiferença e uma passividade que bastante se aproxima da concórdia com a atitude tomada por grande parte da classe.

Temos, no entanto, fé nos elementos conscientes daquele sindicato, esperando que farão terminar com uma situação que tam alarmante se apresenta. — C. Coimbra, 15 de Junho.

MONCHIQUE

12 DE JUNHO

Gesto digno

Os trabalhadores da cá da terra vendo que os dias «sanjos» — que essa caterva que os rouba, quer que eles guardem — são lhes trazer em vez de alegria e consolo, miséria e de oclação, trataram de dizer aos seus alegeos que no dia do «Sagrado Coração» estavam dispostos a trabalhar, porque não viviam de pas-sear.

Alguns dos patrões, mais devotos, ainda quiseram reagir dizendo: «Mas isso é uma vergonha, os nossos pais e avós sempre respeitaram este dia». Os operários, porém, mostraram-se dispostos a não ceder pelo que os seus verdugos, vendo-os inabaláveis, tiveram que concordar.

Se os operários, em tudo que lhe diz respeito, processarem desta forma, de certo não eram espinhados e levados ao ridículo!

«O grande coração»

Esta vez aos irmãos e irmão do «Sagrado» estalou-lhes a castanha na boca... Estavam com grande alegria, esperando que a recita se realizasse porque, diziam eles, o programa era atraente e, concerteza, ninguém faltaria a abri-lhar o rega-bofe. Mas as contas saliram-lhes furadas e, em vista disso, o cartaz teve que sofrer inúmeras alterações, das quais nomearei algumas: «Uma das principais foi não se efectuar a vind. pregador, que segundo me informaram, recando quando ao expor a cantilena fosse mal recebido, como o seu colega», resolveu não fazer parte da vind. Outra foi, que contendo com a concorrência de desres a que chamam *culpa*, não tiveram êxito pôs, porque esses sabem muito bem que tudo aquilo é farça. Do que tiveram êxito foi de desres que eles com facilidade transformam em «crentes» dum coisa que só existe adentro dessa escola de mentecaptos a que chamam «casa-de-Deus» a igreja.

A juventude

É por bastante pena que me refiro à mocidade de cá, pois sendo numerosa e com alguma instrução, está completamente arredada do papel que tem a desempenhar perante esta sociedade putrefacta — C.

ALMADA

15 DE JUNHO

O pão em Almada e a indiferença da organização

Como já noticiámos o pão subiu \$10 em cada quilo. Parecia de boa lógica que os consumidores protestassem. Pois

da mais nobre de suas faculdades, porquanto tais casos, completamente anormais, não deveriam existir e certamente não existiriam numa sociedade que se estabelecesse em leis naturais.

José TALLON

Da revista *Pro-Vida*, de Cuba.

TEATROS & CINEMAS

Festas artísticas

É amanhã que o Teatro Avenida se veste de galas para que o público possa prestar a sua homenagem a Alexandre de Azevedo, actor moderno, de processos novos e esclarecido engenho. Representa-se a peça «Flor de Maio», original de António Guimarães, cujas personagens são as seguintes: «Abade», Alexandre de Azevedo; «Tia Rosa», Adelinha Abranches; «João», Alves da Silva; «Ananias», Sacramento; «António», José Soares; «Dr. Aguiar», B. Ataíde; «Conselheiro Soares», António Melo; «José do Amor Divino», Oscar Soares; «Joaninha», Fernanda de Sousa; «Margarida», Albertina Pereira; «Maria», Alice Ataíde; «Manuela», Rosa Cadete; «Julietta», Lídia de Almeida.

Notícias

Em duas sessões estreia-se hoje, no Eden, desenhada pela companhia do Aguiar de Ouro, do Porto, a nova revista «Ceia Aberto», que tem 2 actos e 17 quadros, assim intitulados:

«Arrebol, Chuva, Vento e Raio, Através a morte, A noite, Intermezzo, A's de V. Diogo, Splendid Club, Ao correr da pena, Intermezzo, Mulheres gigantes, Agua vai, Agua das Caldas, Mouchão da Póvoa, Agua de Cintra, Quedas de Aguas».

No Nacional proseguem, com a maior actividade, os ensaios da farça «A Viuva Gomes», da autoria de João Bastos e Henrique Roldão, sendo o primeiro desses escritores quem a está ensaiando.

Declamações

É uma verdadeira fábrica de gargalhadas a peça «O meu homem» que ontem teve no Apolo a sua «premiere». Agrado em cheio, e José Ricardo tem no original de Arnieux, um papel de grande relevo cômico a que imprime a graciosidade máxima, acompanhando-o brilhantemente Lida Stichini e outros artistas.

«O meu homem» que tem uma cuidada encenação de Maria Matos, repete-se hoje.

É hoje o último dia em que se representa no Avenida a lindíssima peça de Aura Abranches, «Madalena arrependida», continuando a companhia funcionando, tendo à frente como primeira figura a grande Adelinha Abranches e Alexandre de Azevedo, Sacramento e Alves da Silva.

Pela última vez ao domingo representa-se hoje em S. Carlos, a famosa peça de Bernstein, «A Rajada» em que Lucília Simões é verdadeiramente surpreendente, apresentando uma das suas mais completas e fulgurantes criações, «A Rajada» em um brilhantíssimo conjunto de desmempo.

Solennizando hoje o primeiro aniversário da chegada ao Rio de Janeiro dos lindos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o Orfeão Académico de Coimbra dedica-lhes o seu grande sauto desta noite no Colicou dos Recreios no qual toma parte a distinta pianista sr. D.ª Maria Aida Gomes Roberto. Os académicos Antonio Menano e Edmundo Bettencourt cantarão lindos fados de Coimbra e fazem ouvir pela primeira vez a original Orquestra Pitagórica sob a regência de um ilustre académico.

CARTAZ

S. CARLOS. — A's 21, 15 — A Rainha Nacional. — Não há espectáculo. AVENIDA. — A's 21 — Madalena Arrependida. — POLITEAMA. — A's 21, 30 — Filha de Lazarou. APOLO. — A's 21, 15 — O meu homem. EDEN. — A's 21, 15 — Ceia Aberto. COLISEU. — A's 21 — Orfeão Académico de Coimbra. — Pados. GIL VICENTE. — A's 21 — Domingo, 17, segunda, 18 — Flory.

S. LUIS. — A's 10, 30 — A fita. — Os Lobos e Variedades. SALAO FOZ. — A's 21, 30 — Amadrigado. CHADO TERRASSE. — A's 14 e as 21 — Amadrigado. OLIVARIA. — Amadrigado. CONDES (Avenida). — Amadrigado. CENTRAL (Avenida). — Amadrigado. JONES-PARIS (Rua Ferreira Borges). — Amadrigado. IDEAL (Loreto). — Amadrigado. RUSSO (Arco Bandeira). — Amadrigado. PIOMOTORA (ao Calvario). — Amadrigado. ELEN-CINEMA (Alcantara). — Amadrigado.

Pedras para isqueiros. Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

Pedras para isqueiros

Metálicas e de vidro, com desenhos e de boa talca, dizem \$3, isqueiros, roças e canas e maciças, tudo, moles, pipos e tanca. Jeca depósito que fornece para revenda. CARLOS A. SANTOS. Rua do Arsenal, 80 — LISBOA.

DESPORTOS

FUTEBOL

Realizam-se hoje as meias finais do Campeonato de Portugal

É hoje que nas cidades de Lisboa e Coimbra se realizam as meias-finais do Campeonato Nacional de Futebol, que tam grande entusiasmo estão despertando.

No campo de Palhavá jogam, às 17 horas, a Associação Académica, campeão de Coimbra, e o Sport Club Marítimo, campeão da Madeira. Arbitrará o sr. Rogério Peres.

Em Coimbra defrontar-se-hão o Sporting Club de Portugal, campeão de Lisboa, e o Futebol Club do Porto, campeão do Porto. Efectua-se o encontro no campo dos Bentes, às 16,30, e arbitrará o sr. Todd, do Funchal.

O Marítimo em Lisboa

Para cobrir as despesas que a sua deslocação acarreta, o Sport Club Marítimo efectuará em Lisboa vários encontros, contra o Casa-Pia, o Império e o Benfica. Este último realiza-se já na terça-feira, no campo de Palhavá,



GOVÉRNO PORTUGUÊS

EMPRÉSTIMO NACIONAL

CONSOLIDADO 6½% OURO

Emissão do capital nominal de £ 4.000:000

Autorizado pela lei n.º 1:424, de 15 de Maio de 1923, e decreto n.º 8:874, de 30 de Maio de 1923

REPRESENTADO POR 400.000 TÍTULOS DE £ 10 CADA UM

Juro pagavel aos trimestres vencidos na Junta do Crédito Público em Lisboa ao câmbio médio do trimestre anterior, e em Londres em esterlino

Este fundo consolidado, tanto em capital como em juro, é isento de todos os impostos portugueses presentes e futuros, quer ordinários quer extraordinários, e do imposto de selo nos títulos.

Preço da emissão £ 10 — Esc. 450\$00

COM O PRIMEIRO CUPÃO A VENCER EM 15 DE SETEMBRO DE 1923

Corresponde cada libra-título a Esc. 45\$00

Cada título de £ 10 é pagável:

£ 1 ou Esc. 45\$00 no acto da subscrição

£ 9 ou Esc. 405\$00 no acto da repartição

Total £ 10 ou Esc. 450\$00

25% desta emissão estão reservados aos pedidos de subscrição dos portugueses residentes no estrangeiro.

A subscrição pública, quando exceda os 75% da emissão que lhe é destinada, será rateada por todos os subscritores, mas de modo que a cada subscritor caiba, pelo menos, um título de £ 10.

Para os subscritores que não desejarem satisfazer de pronto a importância total das suas subscrições ficam estabelecidos os seguintes prazos e pagamentos, com faculdade de antecipar, em qualquer epocha, a totalidade das prestações a vencer, mediante o desconto de 6½% ao ano.

No acto da subscrição	45\$00
No acto da repartição	107\$50
Em 16 de Julho	100\$00
Em 30 de Julho	100\$00
Em 30 de Agosto	100\$00
Total	452\$50

As prestações que não forem satisfeitas nas épocas mencionadas ficam sujeitas ao encargo de 6½% de juro ao ano pela mora; mas a partir de 15 de Dezembro de 1923 os títulos não liberados serão vendidos e liquidados por conta do subscritor.

Os subscritores receberão pelo depósito efectuado no acto da subscrição cautelas, que, no acto da repartição, serão trocadas por títulos provisórios.

Quando todas as prestações, cujos recibos serão passados nos títulos provisórios, estiverem integralmente pagas, efectuar-se há a troca dos títulos provisórios por títulos definitivos, que, segundo a declaração do interessado, poderão ser nominativos ou de cupão, em certificados de um, de cinco ou dez títulos.

A subscrição achar-se há aberta desde as 10 horas do dia 18 de Junho até às 16 horas do dia 19 de Junho de 1923, nos locais abaixo indicados.

Banco de Portugal (sede), Filial, Agências e Correspondências privativas.

Banco Nacional Ultramarino (Sede), Filiais e Agências.

Companhia Geral do Crédito Predial Português.

Bancos e Casas Bancarias caucionadas e suas Agencias.

Corretores oficiais.

Tesourarias de Finanças.

Monte-Pio Geral.